



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ HERBERTON DE LIMA SILVA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E AULA DE CAMPO: UM LEVANTAMENTO DAS
PESQUISAS DESENVOLVIDAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA PARAÍBA
(2019 - 2024)**

**GUARABIRA – PB
2025**

JOSÉ HERBERTON DE LIMA SILVA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E AULA DE CAMPO: UM LEVANTAMENTO DAS
PESQUISAS DESENVOLVIDAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA PARAÍBA
(2019 - 2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a/ao Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Metodologias do ensino de Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias

**GUARABIRA – PB
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586g Silva, José Herberton de Lima.

Geografia escolar e aula de campo [manuscrito] : um levantamento das pesquisas desenvolvidas nas universidades públicas da Paraíba (2019 - 2024) / José Herberton de Lima Silva. - 2024.

37 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia - CH".

1. Geografia escolar. 2. Aula de campo. 3. Metodologias de ensino. 4. Ensino da geografia. I. Título

21. ed. CDD 372.891

JOSE HERBERTON DE LIMA SILVA

GEOGRAFIA ESCOLAR E AULA DE CAMPO: UM LEVANTAMENTO DAS
PESQUISAS DESENVOLVIDAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA PARAÍBA
(2019 - 2024)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Geografia

Aprovada em: 27/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rafael Pereira da Silva** (***.142.424-**), em **18/03/2025 16:17:12** com chave **98813ccc042d11f0837c06adb0a3afce**.
- **Angélica Mara de Lima Dias** (***.203.544-**), em **18/03/2025 12:21:13** com chave **a11e42e2040c11f0b7981a1c3150b54b**.
- **Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva** (***.982.384-**), em **18/03/2025 12:55:04** com chave **5b3a8c68041111f080f01a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 18/03/2025

Código de Autenticação: 9d8991



JOSÉ HERBERTON DE LIMA SILVA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E AULA DE CAMPO: UM LEVANTAMENTO DAS
PESQUISAS DESENVOLVIDAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA PARAÍBA
(2019 - 2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a/ao Departamento do Curso de Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Metodologias do ensino de Geografia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Profa. Ms. Letícia Luana Dionísio da Silva (Examinadora Interna)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Rafael Pereira Silva (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Aos meus pais, **José Humberto** e **Maria Isabel**. Seu amor, sacrifícios e ensinamentos foram a bússola que me direcionou até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e ao Universo por todas as oportunidades e bênçãos recebidas durante todo o curso e a realização deste trabalho. Sem essa força divina guiando meu caminho, acredito que muitos dos desafios que enfrentei poderiam ter sido insuperáveis. É com profunda gratidão que reconheço o papel essencial que a fé desempenhou em me sustentar nos momentos mais difíceis e em me alegrar nas conquistas.

Em especial, sou imensamente grato aos meus pais, José Humberto e Maria Isabel, não apenas pelo amor incondicional, mas por serem exemplos de perseverança e integridade que sempre me inspiraram a ser uma pessoa melhor. O apoio constante de vocês, manifestado nas palavras de encorajamento e nos gestos diários, foi vital para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Vocês me ensinaram o valor da resiliência, do trabalho árduo e da empatia, valores que carreguei comigo ao longo desta jornada. Sua fé inabalável em mim serviu como a força motriz que me impulsionou a superar meus próprios limites e a perseguir meus objetivos com determinação e coragem.

Agradeço também à minha orientadora, Dra. Angélica, pela dedicação, paciência e conhecimento compartilhados durante todo o processo. Sua orientação foi fundamental para o sucesso deste trabalho.

Além disso, gostaria de estender minha gratidão a todos os colegas e amigos que, de alguma forma, contribuíram para o andamento deste trabalho. As trocas de ideias, os debates estimulantes e o apoio mútuo foram essenciais para que este projeto se concretizasse. As experiências que compartilhei com todos vocês enriqueceram não apenas este trabalho, mas também a minha vivência acadêmica como um todo.

Por fim, um sincero obrigado a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta trajetória. Sou grato a todos que, nos gestos mais simples ou nos atos mais grandiosos, me proporcionaram o suporte necessário para que eu pudesse alcançar meus objetivos e completar mais esta etapa com sucesso.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASCOM** – Assessoria de Comunicação
- CAVN** – Colégio Agrícola Vidal de Negreiros
- CCEN** – Centro de Ciências Exatas e da Natureza
- PPGG** – Programa de Pós-graduação em Geografia
- PROFGEO** – Mestrado Profissional em Ensino de Geografia
- PB** – Paraíba
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- UEPB** – Universidade Estadual da Paraíba
- UFPB** – Universidade Federal da Paraíba
- UFCG** – Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

A ciência geográfica é um campo do conhecimento que busca compreender as interações entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, analisando os processos naturais e sociais que moldam o espaço geográfico. Em função disso, o objetivo geral deste trabalho se dá em refletir sobre a aula de campo enquanto estratégia metodológica na Geografia escolar a partir dos trabalhos publicados nas universidades públicas da Paraíba no período de 2019 – 2024. Metodologicamente, utilizamos uma abordagem qualitativa e bibliográfica, a fim de entender, através do estado da arte, o que se tem produzido acerca da temática supracitada no período em tela, e de que modo poderíamos, a partir de uma reflexão desse material, avançar nas noções que já se têm produzidas sobre a aula de campo. Com base no levantamento bibliográfico realizado e nos resultados apresentados neste trabalho, podemos concluir que a aula de campo atualmente ainda se configura como uma estratégia metodológica essencial para o ensino de Geografia, particularmente no contexto das universidades públicas da Paraíba. A pesquisa evidenciou que a prática da aula de campo proporciona uma integração eficaz entre teoria e prática, permitindo que os estudantes compreendam de forma mais profunda as dinâmicas espaciais e os fenômenos geográficos observados diretamente no ambiente de estudo.

Palavras-chave: geografia escolar; aula de campo; metodologias de ensino.

ABSTRACT

Geographical science is a field of knowledge that seeks to understand the interactions between human beings and the environment in which they live, analyzing the natural and social processes that shape geographic space. Therefore, the general objective of this work is to reflect on the field class as a methodological strategy in school Geography based on the works published in public universities in Paraíba in the period 2019-2024. Methodologically, we used a qualitative and bibliographical approach in order to understand, through the state of the art, what has been produced on the aforementioned theme in the period in question, and how we could, based on a reflection of this material, advance the notions that have already been produced about the field class. Based on the bibliographic survey carried out and the results presented in this work, we can conclude that the field class is currently still configured as an essential methodological strategy for teaching Geography, particularly in the context of public universities in Paraíba. The research showed that the practice of field classes provides an effective integration between theory and practice, allowing students to understand in greater depth the spatial dynamics and geographic phenomena observed directly in the study environment.

Keywords: school geography; field class; teaching methodologies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
3 METODOLOGIA	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 PESQUISAS SOBRE A AULA DE CAMPO NO ÂMBITO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO	28
4.2 PESQUISAS SOBRE A AULA DE CAMPO NO ÂMBITO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A ciência geográfica é um campo do conhecimento que busca compreender as interações entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, analisando os processos naturais e sociais que moldam o espaço geográfico. Para isso, ele abrange a análise de paisagens, territórios, lugares e regiões, explorando como as dinâmicas culturais, econômicas, políticas e ambientais influenciam, mas também são influenciadas, pela ocupação e transformação do espaço.

À custa disso, o ensino de Geografia é constantemente orientado pela efetiva relação entre teoria e prática, sobre os quais o objetivo é fornecer um contato mais direto com o meio, isto é, o espaço, no intuito de materializar – em tempo real – aquilo que é próprio dessa disciplina. Neste sentido, “O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade [...]” (Lopes; Pontuschka, 2009, p. 174).

O olhar para o espaço como objeto de estudo da Geografia (Serpa, 1949) é uma perspectiva teórico-metodológica transversal em diversas produções acadêmicas nos últimos anos, e que pensa o deslocamento da sala de aula para uma modalidade extraclasse, com o objetivo de compreender a relação homem-natureza, buscando captar os processos pelos quais o homem vem interferindo no mundo natural (Saito Tomita, 1999).

Nesse viés, a aula de campo geralmente é uma atividade pontual, orientada pelo professor, que leva os alunos a um local específico para observar e compreender na prática conceitos teóricos previamente abordados em sala de aula. Dessa forma, a aula de campo é vista como uma extensão das aulas teóricas, proporcionando uma oportunidade para o aluno vivenciar e aplicar o conteúdo acadêmico em um ambiente real.

Entendendo a importância desta prática metodológica na educação básica, o objetivo deste trabalho se dá em refletir sobre a aula de campo enquanto estratégia metodológica na Geografia escolar a partir dos trabalhos publicados nas universidades públicas da Paraíba no período de 2019 – 2024. Este recorte se justifica por ser um período que abrange a pandemia da COVID – 19, que devido o fechamento das instituições de ensino por medidas de segurança sanitária e adoção do formato de ensino remoto, dificultou este tipo de atividade extraclasse.

Mediante a diversidade de produções acadêmicas sobre a temática, nos concentramos apenas nas pesquisas produzidas em universidades públicas do estado da Paraíba no recorte temporal de 2019 – 2024, no âmbito da graduação e pós-graduação em Geografia. Em primeiro momento, para os trabalhos de conclusão de curso (TCC), reunimos algumas pesquisas feitas na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus Campina Grande/PB e Campus Guarabira/PB; Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Campina Grande e de Cajazeiras, além da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus João Pessoa¹. Em segundo momento, para as pós-graduações, fizemos um levantamento de trabalhos realizados no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG) da UFPB e do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO) da UFCG.

A partir do estado da arte realizado, identificamos que a temática deste trabalho, vem sendo continuada por uma vasta rede de pesquisas. Neste sentido, entendendo que o conhecimento em sua essência não pode ser esgotado, e que a sociedade e o meio natural se encontram em constante processo de transformação, consideramos importante a Aula de Campo, como uma forma (não definitiva), mas indispensável, para investigar o fazer Geografia de forma direta, objetiva, entendendo os condicionantes sociais, políticos, históricos e culturais que interferem no espaço, modificando o modo como entendemos determinados fenômenos.

A pesquisa está estruturada, além da introdução, considerações finais e referências, em três seções analíticas. Na primeira, intitulada “**Referencial teórico**”, realizamos uma discussão em torno de alguns textos teóricos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Em segundo lugar, intitulada “**Metodologia**”, apresentamos os procedimentos de pesquisa, coleta e análise das fontes de pesquisa, a fim de elucidar o modo como organizamos os nossos argumentos. Em terceiro, intitulada “**Resultados e Discussões**”, fizemos uma reflexão em torno do debate sobre a aula de campo, apresentando as conclusões a que chegamos após a leitura dos textos teóricos.

¹Salientamos que não encontramos no banco de dados digital da UFPB trabalhos que versam sobre a temática de pesquisa no recorte definido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, exploramos a importância da Geografia na educação, destacando como metodologias práticas, como a aula de campo e o estudo do meio, promovem um aprendizado mais crítico e interdisciplinar. Ao vivenciarem o espaço geográfico e observarem fenômenos reais, os estudantes conseguem aplicar conceitos teóricos e desenvolver uma consciência cidadã e ambiental. Essas atividades práticas conectam a teoria à realidade, reforçando a compreensão das dinâmicas espaciais e das relações entre sociedade e natureza, desde que sejam cuidadosamente planejadas para alcançar os objetivos pedagógicos de forma significativa e transformadora.

2.1 A PRÁTICA DE CAMPO EM GEOGRAFIA COMO ARTICULADORA DO ENSINO E DA PESQUISA

A Geografia, enquanto ciência, exerce um papel crucial na interpretação e entendimento das dinâmicas complexas que permeiam o espaço geográfico. Esta ciência destaca-se por sua interdisciplinaridade e por permitir uma análise aprofundada das interações entre o ser humano e o meio em que vive. À vista disso, Sacramento (2010, p. 5) ressalta que “[...] o papel atual da Geografia escolar é fazer com que o aluno compreenda os fenômenos geográficos especializados em seu cotidiano, permitindo-lhe localizar-se e perceber tais transformações”. Essa abordagem educacional é fundamental para que os educadores desenvolvam estratégias de ensino que promovam uma conexão mais profunda entre teoria e prática.

No contexto da Geografia, o conceito de cidadania transcende a mera compreensão dos direitos e deveres cívicos, abrangendo também uma consciência espacial e ambiental. Essa perspectiva é essencial para que os indivíduos reconheçam a importância de seu lugar no mundo e entendam as múltiplas camadas de relações sociais, políticas e econômicas que constituem o espaço urbano. Esse entendimento é vital para fomentar uma postura crítica e reflexiva acerca da produção e organização do espaço, que não deve ser visto apenas sob uma ótica geométrica ou funcionalista, mas sim como um cenário onde se desdobram as relações sociais em que ocorrem as mais diversas interações humanas.

Concernente a isso, a história da Geografia revela que seus primeiros praticantes, os naturalistas, foram pioneiros em adotar metodologias de análise do

espaço geográfico que envolviam uma imersão direta nos ambientes estudados (Oliveira Júnior, 2020). Essas práticas, conhecidas como trabalho de campo (Saito Tomita, 1999) ou estudo do meio (Lopes; Pontuschka, 2009), são componentes essenciais na formação de uma compreensão geográfica integral.

Lima e Assis (2005, p. 112) enfatizam que “[...] o trabalho de campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido”. A relevância desta abordagem pedagógica reside no fato de que ela não se restringe a uma atividade extracurricular, mas sim a um componente essencial do currículo, capaz de estimular a curiosidade, a investigação e a análise crítica.

Por conseguinte, Passini (2007, p. 172-176) complementa esta visão, ao afirmar que “[...] a aula de campo seria um método ativo e interativo, pois o espaço não é fragmentado”. Essa perspectiva amplia o conceito de aula de campo, incluindo não apenas ambientes externos, mas também o próprio espaço escolar e suas adjacências, transformando-os em laboratórios vivos para a aprendizagem geográfica. Esta abordagem é especialmente importante em contextos nos quais os recursos são limitados, pois permite a realização de atividades significativas sem a necessidade de deslocamentos extensos ou custos elevados.

De acordo com Oliveira e Assis (2009, p. 198), “A aula em campo é uma atividade extrassala/extraescola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial [...]”. Os autores ressaltam a aula campal como uma atividade que vai além da sala de aula, unindo conhecimentos diversos à experiência direta da realidade social. No entanto, para alcançar seu potencial educativo, essa vertente metodológica precisa ser cuidadosamente planejada e incluir estratégias que incentivem a participação ativa dos alunos, evitando que se torne apenas uma observação passiva e promovendo a construção contínua de conhecimento crítico e contextualizado.

A metodologia de Estudo do Meio é uma abordagem teórico-prática que integra ensino e pesquisa na disciplina de Geografia, fundamentando-se em experiências diretas dos estudantes com o ambiente que os rodeia. Este método visa a promoção de uma aprendizagem significativa, na qual os alunos interagem com o mundo real, desenvolvendo uma compreensão mais profunda das relações entre os elementos físicos e humanos que constituem o espaço geográfico.

Normalmente, essa concepção na Geografia emerge de uma necessidade de aproximar os estudantes das realidades concretas, permitindo que eles observem, analisem e interpretem fenômenos geográficos *in loco* (Pontuscka, [s/d]; Oliveira; Assis, 2009). Essa imersão direta no ambiente possibilita a coleta de dados primários, o que ratifica a compreensão teórica com vivências práticas. Assim, a abordagem deixa de ser puramente abstrata e passa a refletir uma realidade palpável, na medida em que:

O estudo do meio, como método que pressupõe o diálogo, a formação de um trabalho coletivo e o professor como pesquisador de sua prática, de seu espaço, de sua história, da vida de sua gente, de seus alunos, tem como meta criar o próprio currículo da escola, estabelecendo vínculos com a vida de seu aluno e com a sua própria, como cidadão e como profissional (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007, p. 175-176).

Metodologicamente, o Estudo do Meio na Geografia é estruturado em etapas que envolvem planejamento, execução e avaliação. No planejamento, é essencial definir os objetivos educacionais que se deseja alcançar, bem como identificar os locais de estudo que melhor se adequam ao tema ou problema a ser investigado. Nessa fase, o professor desempenha um papel crucial na organização da logística, no preparo dos materiais didáticos e na orientação sobre as técnicas de observação e registro de dados.

Durante a execução dessa via metodológica, os estudantes são conduzidos a observar o espaço, registrando suas impressões, medindo e coletando dados de forma sistemática. Essa fase prática é rica em aprendizagens, pois os alunos se deparam com a complexidade dos sistemas naturais e sociais. A interação com o meio ambiente proporciona a eles a oportunidade de aplicar conceitos teóricos em situações reais, desenvolvendo habilidades de análise crítica e solução de problemas. Em função disso, conforme destaca Saito Tomita (1999, p. 14),

Entre os melhores meios de realizar a prática, é recomendável colocar os alunos em situação de trabalho, seja individualmente ou em grupo. A proposta é levar os alunos diretamente ao campo, tomando como ponto de partida o conhecimento prévio, alimentado pela teoria e reforçando com a observação direta da realidade.

A etapa de avaliação nesse processo, envolve a interpretação dos dados coletados e a elaboração de relatórios ou apresentações que sintetizem as descobertas realizadas. Nesse momento, é fundamental que os estudantes reflitam

sobre suas observações, relacionando-as com os conceitos teóricos aprendidos em sala de aula. Esse processo de reflexão crítica permite que eles compreendam as interações entre os elementos geográficos, reconhecendo os impactos das ações humanas sobre o ambiente. O Estudo do Meio, portanto, fortalece a construção do conhecimento geográfico de maneira interdisciplinar, uma vez que permite a integração de saberes de diferentes áreas do conhecimento. Ou seja,

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos (Lopes; Pontuschka, 2009, p. 174).

Por meio da citação acima, infere-se que ao explorar um determinado meio, os estudantes são incentivados a considerar aspectos biológicos, físicos, históricos, culturais e socioeconômicos, os quais influenciam diretamente no entendimento das dinâmicas espaciais. A partir dessas questões, os autores enfatizam a importância da construção de um currículo, focado primariamente no contexto sociocultural, socioeconômico do estudante. Isso ocorre porque:

O problema das relações ESCOLA e VIDA tem sido colocado, não de hoje, pelos educadores, tanto na Europa quanto na América. Mais de uma vez afirmou-se como verdade pacífica, neste plenário mesmo, o princípio de que ESCOLA É VIDA e não pode fechar-se, portanto, em relação àquilo que constitui, em cada momento, o próprio contexto em que o homem faz sentido, não pode continuar a ser um compartimento fechado, pseudo-preparando para a vida, fora da vida (Magaldi, 1965, p. 69 *apud* Lopes; Pontuschka, 2009, p. 177).

Ao relacionar a “escola” à “vida”, o conceito de “espaço” como sinônimo de “meio”, cede lugar a uma perspectiva multidisciplinar, multifacetada que permite ao geógrafo considerar outros aspectos para melhor diagnosticar o meio em que se exerce o trabalho do profissional de geografia, assim como dos estudantes. Assim, o meio, de acordo com os autores acima, não está restrito apenas e tão somente ao solo, aos animais, as intempéries da natureza, mas as políticas, a sociedade, enfim, ao ser humano que, por meio de suas próprias ações, modelam o espaço, atribuindo-lhe outros significados, os quais não podem ficar de fora do diagnóstico, no Estudo do Meio. Concernente a isso:

[...] são considerados estudos do meio desde uma saída de alunos e professores cujo objetivo principal seja o entretenimento até trabalhos interdisciplinares que demandem pesquisas de campo, bibliográfica, iconográfica e, portanto, investimento em trabalho individual e coletivo (Pontuschka, s/d, p. 249).

Além disso, essa metodologia contribui para o desenvolvimento de uma postura ética e sustentável em relação ao meio ambiente. Ao vivenciar diretamente os impactos da ação humana sobre o espaço, os estudantes são levados a refletir sobre suas próprias práticas e a importância da preservação ambiental, tornando-se agentes ativos na promoção da sustentabilidade.

Em profundo diálogo com a aula de campo, o conhecimento gerado a partir do estudo do meio, permite que o/a estudante desnaturalize determinadas ações no espaço, que nem sempre ocorrem de forma pacífica, assim, no ensino-aprendizagem de geografia, é imprescindível “[...] mostrar que a realização dos Estudos do Meio pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social” (Lopes; Pontuschka, 2009, p. 174).

A proposta de Edgar Morin (2000, 2007) de estimular o estudante a se enxergar como parte de uma rede complexa de relações, imersa em contradições e incertezas, reforça a importância de uma formação geográfica que transcenda a memorização de fatos e datas. Ao invés disso, deve-se priorizar o desenvolvimento de competências investigativas e analíticas que preparem o aluno para compreender e interagir com o mundo de maneira mais consciente e crítica. Conforme apontado pelo Ministério da Educação (Brasil, 2013, p. 210), é fundamental dotar os estudantes de habilidades que os tornem aptos a “[...] analisar, questionar e entender os fatos do dia a dia com mais propriedade”.

Nesse contexto, a aula de campo surge como uma oportunidade única para a materialização desse processo de aprendizagem, permitindo que alunos e professores explorem juntos as realidades geográficas que compõem seu entorno. Pontuschka *et al.* (2007) destacam a importância de esse tipo de atividade ser parte integrante de um processo de pesquisa e investigação, onde o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído coletivamente. O deslocamento e a observação direta dos fenômenos geográficos proporcionam uma compreensão mais rica e

detalhada dos conteúdos trabalhados em sala de aula, tornando a aprendizagem uma experiência significativa e transformadora.

Segundo Santos *et al.* (2002) a aula de campo é uma prática pedagógica que consiste em levar os alunos para vivenciar, observar e explorar ambientes reais, seja em uma área urbana ou rural, de acordo com os conteúdos estudados em sala de aula. Nas últimas décadas do século XX surgiu no Brasil e em outros países um movimento em torno da renovação da Geografia acadêmica e escolar. Com o movimento de renovação desenvolveram-se novas formas de se pensar e discutir o espaço social, como objeto de estudo da Geografia (Santos, 2004). Essa abordagem pedagógica se mostra eficiente no ensino de Geografia, pois propicia uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Conforme Santos (2002), os lugares podem ser compreendidos como uma conexão entre o mundo e o indivíduo. Assim, os lugares não são apenas fenômenos locais, mas também são influenciados por escalas mais amplas, como as regionais e globais. Nesse sentido, os lugares englobam a dimensão espacial das relações afetivas e de convivência, em que os indivíduos interagem com fenômenos locais, regionais e globais.

De acordo com Medeiros (2010), o lugar, no enfoque humanista, se apresenta como uma paisagem cultural que reflete as experiências da sociedade na qual foi produzido, carregando sentimentos de identidade, pertencimento, afetividade e significados estabelecidos entre o sujeito e o espaço. Nesse sentido, é essencial discutir os fenômenos sociais e naturais que influenciam o lugar de convivência dos alunos, a fim de valorizar esse espaço como ponto de identificação, pertencimento e afetividade. Essa discussão também contribui para a formação de cidadãos críticos, capazes de encontrar as melhores soluções para os problemas naturais e sociais de seu entorno, como ressalta Cavalcanti (2008, p. 81):

O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada com espaço aberto e vivo de culturas.

Nesse contexto, é fundamental que a disciplina de Geografia considere a organização espacial, analisando os fenômenos sociais e ambientais, especialmente aqueles presentes no entorno dos alunos, onde vivem, se deslocam e estudam. Dessa

forma, é necessário preparar os alunos para que possam encontrar soluções coletivas para os problemas sociais e ambientais encontrados em sua localidade.

A aula de campo surge como um recurso pedagógico que viabiliza a observação e a discussão desses fenômenos sociais e naturais diretamente no local onde acontecem. Quando essa abordagem é implementada na área de convivência dos alunos, valoriza-se o conhecimento que eles já possuem, promovendo uma reflexão sobre como melhorar o espaço de convivência para a comunidade local. Além disso, a aula de campo também estabelece uma relação entre os conteúdos teóricos discutidos em sala de aula e o cotidiano prático vivenciado pelos alunos, conforme enfatizado por Oliveira e Assis (2009, p. 154),

[...] a aula de campo pode despertar os alunos do sono/descontrole eterno da sala de aula fatigante, simplória, decoreba e ainda longe de estar conectada com a realidade, a não ser pela fantasia. Essa compreensão que fazemos sobre a Aula de Campo está armada pela certeza de entendermos o espaço/espacialidades como formas em movimento que são carregadas de potenciais pedagógicos que podem (devem) elucidados ao estudante pela escola, e aqui nos referimos a Geografia [...].

Neste sentido, a aula de campo desempenha um papel crucial ao permitir a participação ativa dos alunos nas discussões dos conteúdos geográficos, visto que os retira do ambiente da sala de aula e os coloca em um espaço onde os fenômenos abordados nas aulas de Geografia se manifestam. Dessa forma, a aula de campo, em conjunto com outros recursos pedagógicos, contribui para a formação de cidadãos críticos e capacitados para refletir sobre os fenômenos naturais e sociais que ocorrem em seu lugar de afetividade e pertencimento

2.2 A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NA FORMAÇÃO DOCENTE E NA GEOGRAFIA ESCOLAR

O ensino de Geografia, para além das tradicionais aulas teóricas, encontra nas experiências de campo um elemento essencial para a formação de futuros geógrafos. Essas atividades representam uma oportunidade singular de aliar teoria e prática, permitindo que os estudantes ultrapassem o espaço limitado das salas de aula, envolvendo-se com a complexidade dos fenômenos geográficos *in loco*.

A constituição da Geografia como disciplina escolar remonta ao século XIX, em um contexto de consolidação dos Estados-nação e de crescente interesse em compreender e organizar os territórios (Cardoso, [s/d]). Durante esse período, a

disciplina ganhou espaço nos currículos escolares europeus, especialmente na França e na Alemanha, refletindo a necessidade de formar cidadãos que conhecessem seu país e valorizassem a identidade nacional.

Na virada para o século XX, com a expansão imperialista, a Geografia passou a desempenhar um papel central na educação formal, sendo utilizada como ferramenta de controle ideológico e de disseminação de uma visão eurocêntrica do mundo. Nesse sentido,

Estas escolas, na sua grande maioria libertárias de viés anarquista, começaram a surgir ainda no século XIX, como fruto do contato das classes operárias com movimentos da Europa e no Brasil com os contingentes expressivos de migrantes europeus (Cardoso, [s/d], [s/p]).

A citação de Cardoso (s/d) ressalta a emergência de escolas libertárias de viés anarquista, impulsionadas pelo contato das classes operárias com movimentos europeus e pela chegada de migrantes ao Brasil, destacando uma época em que a educação foi vista como ferramenta de transformação social e resistência à opressão.

Esse movimento evidencia uma tentativa de ruptura com o modelo educacional tradicional, marcado pela obediência e reprodução de ideologias dominantes. No entanto, ao mesmo tempo em que essas iniciativas representaram uma inovação pedagógica radical. Assim, o ensino geográfico, centrado na memorização de mapas e na descrição de paisagens, estava voltado para a formação de indivíduos aptos a servir aos interesses políticos e econômicos das nações dominantes.

Nas décadas seguintes, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a Geografia escolar começou a experimentar transformações significativas, influenciadas por novas correntes de pensamento² e pela necessidade de uma abordagem mais crítica.

No Brasil, por exemplo, a Geografia passou por reformulações importantes, especialmente a partir da década de 1980, quando se buscou romper com a tradição

²A Geografia foi moldada por diversas correntes de pensamento ao longo de sua evolução, começando pelo determinismo ambiental, que no final do século XIX e início do XX defendia que o meio físico determinava o comportamento humano, seguido pelo possibilismo, que reagia a essa visão ao enfatizar a capacidade humana de adaptar e modificar o ambiente. Nos anos 1950, a chamada Geografia Quantitativa ou "Nova Geografia" trouxe uma abordagem positivista, baseada em métodos estatísticos e modelos matemáticos para entender padrões espaciais. A partir da década de 1970, emergiram críticas a essa visão tecnocrática com o desenvolvimento da Geografia Crítica, influenciada por correntes marxistas e pós-estruturalistas, que passaram a focar nas relações de poder, desigualdade e ideologia na produção do espaço. Posteriormente, abordagens mais recentes, como a Geografia Cultural e a Geografia Humanista, têm enfatizado a importância da subjetividade, da identidade e das experiências individuais e coletivas na compreensão do espaço geográfico. Essas correntes, ao se entrelaçarem e dialogarem entre si, têm conferido à disciplina uma complexidade e uma pluralidade que refletem a diversidade das realidades que ela busca explicar.

puramente descritiva e passar a uma prática que valorizasse o entendimento dos processos espaciais e socioeconômicos. Neste sentido,

[...] acreditamos que tratar da aula em campo é “comprar uma briga” temática, teórica e prática para nós, professores, que buscamos elucidar e romper com os exercícios pedagógicos engessados nas salas de aula e “dormentes” em relação à transformação das experiências socioespaciais dos estudantes (Oliveira; Assis, 2009, p. 197).

Contudo, apesar desses avanços, a disciplina ainda enfrenta desafios em se desvencilhar de práticas pedagógicas obsoletas, como destacam os autores acima, que não dialogam com a realidade contemporânea e continuam a limitar seu potencial crítico na formação em Geografia.

Nesse viés, ao vivenciar-se o espaço geográfico diretamente, o aluno é desafiado a observar, interpretar e analisar o ambiente com base nos conhecimentos previamente adquiridos. Neste sentido, “O trabalho de campo pode (deve) contar com a participação de alunos na elaboração, escolhas e leituras gerais da espacialidade a ser estudada” (Oliveira; Assis, 2009, p. 198).

Esse contato direto com o objeto de estudo proporciona uma compreensão mais profunda e integrada das dinâmicas espaciais, algo que dificilmente se alcança apenas por meio de leituras e exposições teóricas. Nesse ângulo, a Geografia, como ciência que estuda as relações entre sociedade e natureza (Oliveira Júnior, 2020), exige uma postura investigativa que só se consolida plenamente através de experiências práticas. Em função disso,

A aula de campo é uma proposta que visa à comprovação dos temas estudados em sala de aula, até pode ser utilizada pelas escolas inovadoras, porém, quando feita com propósito de memorização, perde o sentido de aproximação da realidade e da leitura do espaço na sua concretude. Assim, a saída de sala de aula pode ser adotada por escolas que se apoiem em propostas teórico-metodológicas dialéticas, construtivistas e outras. Na Geografia escolar esta metodologia é mais comum do que o estudo do meio, que ainda tem poucos adeptos, mas que já encontra um significativo número de estudos sobre ela. Acreditamos que isto ocorre porque a aula de campo compõe, tradicionalmente, a formação de geógrafos no Brasil, desde a sua origem quando os professores franceses aqui se instalaram, com o objetivo de constituírem os primeiros cursos de formação de professores, até os dias atuais (Albuquerque; Angelo; Dias, 2012, p. 114).

As autoras acima teorizam a aula de campo como uma metodologia educativa com potencial para conectar o aprendizado teórico à realidade concreta, mas criticam seu uso quando limitado à memorização, pois isso esvazia seu propósito de

aprofundar a compreensão espacial e crítica dos alunos. Além disso, as pesquisadoras também diferenciam essa prática do “estudo do meio”, menos adotado, apesar do aumento de estudos sobre ele, e atribui a predominância da aula de campo na Geografia escolar brasileira a uma tradição histórica iniciada pelos professores franceses na formação de geógrafos (Albuquerque, Angelo, Dias, 2012 *apud* Oliveira Júnior, 2020).

É na prática que os estudantes conseguem perceber as nuances das paisagens, o impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente, e as relações socioeconômicas que configuram os territórios (Cardoso, s/d). Além disso, essas atividades promovem uma consciência crítica sobre as desigualdades espaciais, expondo os alunos às realidades que muitas vezes permanecem abstratas nas descrições teóricas.

Ademais, o aprendizado vivenciado fora da sala de aula contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades práticas, como o uso de instrumentos de medição, a elaboração de mapas, e a realização de entrevistas e coletas de dados. Essas competências são fundamentais para a atuação profissional do geógrafo e são potencializadas quando o aluno é colocado diante dos desafios reais que os diferentes ambientes impõem. Desse modo,

É importante que se estimule o educando a indagar o porquê das coisas para o mesmo não se conformar com a simples situação dos fatos, mas partir para uma análise criteriosa com uma visão crítica. Conduzindo o ensino dessa forma, a Geografia estará contribuindo para preparar o indivíduo para a sociedade e a prática da boa cidadania. A Geografia, sem deixar de ser uma ciência da cultura, é um leque aberto para colocar em prática o processo de observação, análise, interpretação, sugestões e propostas. É importante reconhecer que a aprendizagem do aluno ocorre sob orientação do professor, trabalhando, operando, executando, analisando, comparando, explicando, opinando e debatendo sobre o assunto (Saito Tomita, 1999, p. 13).

A citação de Saito Tomita (1999) sublinha a importância de uma abordagem pedagógica que fomente a curiosidade e o questionamento crítico nos estudantes, permitindo que ultrapassem a aceitação passiva dos fatos e desenvolvam uma análise criteriosa da realidade. Ao adotar essa postura, o ensino da Geografia ganha um caráter emancipatório, incidindo diretamente na formação cidadã.

No entanto, o texto também alerta para o papel indispensável do professor nesse processo, evidenciando que a aprendizagem significativa ocorre por meio de uma orientação dinâmica, em que o docente estimula a observação, a análise e o

debate. Assim, propõe-se uma prática educativa que não apenas transmite conhecimentos, mas que também promove habilidades críticas e reflexivas, indispensáveis na Aula de Campo, nesse contexto, que visa aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

Por conseguinte, outro aspecto importante é a capacidade de trabalho em equipe e a construção de um conhecimento coletivo. As saídas de campo geralmente envolvem atividades colaborativas, nas quais os estudantes precisam compartilhar informações, discutir interpretações e elaborar conclusões em conjunto (Saito Tomita, 1999). Esse processo fortalece não apenas o entendimento dos conceitos geográficos, mas também as habilidades interpessoais, tão necessárias na atuação profissional.

Entretanto, é crucial que essas atividades sejam bem planejadas e orientadas para que seus objetivos sejam plenamente atingidos. Um planejamento inadequado pode resultar em uma experiência superficial, onde o potencial investigativo se perde em uma simples excursão turística. Portanto, a preparação prévia, o desenvolvimento de roteiros de estudo e a orientação durante a atividade são fundamentais para que a prática seja, de fato, positiva.

Não se pode ignorar, ainda, o impacto dessas atividades na formação cidadã dos alunos. Ao observar e analisar os espaços, os estudantes desenvolvem uma compreensão mais profunda das questões ambientais, sociais e políticas que afetam diferentes regiões. Essa consciência crítica é essencial para a formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade e com a busca por um desenvolvimento mais justo e equilibrado. À vista disso,

A Geografia tem grande importância na formação do cidadão, visto que seu objeto de estudo é o espaço. Este se constitui como político, cultural, social, como também físico. É, ao mesmo tempo, concreto e abstrato. É, enfim, dialético. Portanto o espaço geográfico pode/deve não apenas ser visto, como trabalhado como o lugar de vivência, aproximando-se, portanto, do aluno e de sua realidade (Borges *et al.*, [s/d], p. 2).

A Geografia enquanto saber que aborda o estudo do espaço e suas dinâmicas sociais e naturais desempenha um papel essencial no desenvolvimento de uma visão crítica e consciente no tocante à formação nessa área. Mais do que um conjunto de conceitos e teorias, ela propicia aos estudantes a oportunidade de compreender as

complexas relações entre o homem e o meio ambiente, bem como os impactos das atividades humanas sobre o planeta.

Essa compreensão se traduz em uma maior conscientização sobre questões urgentes, como mudanças climáticas, desigualdades sociais e uso sustentável dos recursos naturais, preparando cidadãos capazes de intervir de maneira responsável e informada na sociedade.

Além disso, o ensino dessa área do conhecimento é crucial para a construção de uma identidade territorial e cultural, pois permite aos indivíduos reconhecerem-se como parte de um contexto espacial específico, com particularidades próprias e desafios únicos. Esse entendimento é fundamental em um mundo globalizado, onde as fronteiras físicas se tornam cada vez mais fluidas, mas os conflitos e tensões locais continuam a demandar atenção. Ao abordar questões locais e globais, a instrução escolar sobre o espaço geográfico favorece uma consciência cidadã que valoriza a diversidade e promove o diálogo intercultural.

O uso de atividades externas ao ambiente escolar tradicional tem se mostrado uma abordagem eficaz para o ensino de Geografia. Ao invés de permanecer restrito às paredes da sala de aula, o aprendizado se expande para o espaço geográfico real, permitindo que os estudantes experimentem os conceitos na prática, observando diretamente os fenômenos estudados. Esse contato direto com o objeto de estudo não apenas aprofunda a compreensão teórica, mas também promove o desenvolvimento de habilidades críticas e investigativas, essenciais para a formação de cidadãos conscientes e atuantes.

Nesse ângulo, a aula campal leva os alunos a explorarem o ambiente fora da escola, em que esse método pode ser visto como uma alternativa eficiente no processo de ensino-aprendizagem e, não raro, para a formação do profissional da Geografia. A experiência sensorial e o contato direto com a realidade concretizam os conteúdos que, muitas vezes, se apresentam de forma abstrata nos livros didáticos, ou seja, “A observação direta do espaço geográfico estimula a curiosidade e o pensamento crítico dos alunos” (Oliveira, 2019, p. 32).

Ao caminhar por uma cidade, por exemplo, o estudante pode observar as dinâmicas sociais e econômicas, compreender a organização espacial e identificar os impactos ambientais de diferentes atividades humanas. Esse exercício prático facilita a associação entre teoria e realidade, contribuindo para a internalização do conhecimento. Concernente a isso,

A integração de atividades de campo no currículo escolar é essencial para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Essas atividades permitem que os estudantes vivenciem os fenômenos naturais e sociais de forma direta, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada (Pereira, 2018, p. 78).

A citação de Pereira (2018) ressalta que integrar atividades de campo no currículo escolar é crucial para formar cidadãos críticos, pois permite que os alunos vivenciem diretamente fenômenos naturais e sociais, promovendo uma aprendizagem mais profunda e contextualizada. No tocante a isso, essa abordagem torna o ensino mais significativo, ligando o conteúdo teórico à realidade, o que é, via de regra, essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Entretanto, não se pode ignorar que, embora a prática seja promissora, ela exige uma preparação cuidadosa por parte dos educadores. A transformação do espaço externo em um ambiente de aprendizado significativo depende de um planejamento rigoroso, que considere os objetivos pedagógicos, os recursos disponíveis e a segurança dos envolvidos.

Além disso, é necessário que o professor atue como mediador (Oliveira; Assis, 2009), guiando a observação, estimulando a reflexão e promovendo discussões que desafiem o senso comum e ampliem a visão crítica dos estudantes (Costa, 2022). Sem essa mediação, o risco é que a atividade externa se torne apenas um passeio, desprovida de intencionalidade educativa.

Por outro lado, há quem questione a viabilidade dessa prática, apontando para as dificuldades logísticas, financeiras e burocráticas enfrentadas pelas instituições de ensino. No entanto, tais desafios não devem ser vistos como barreiras intransponíveis, mas como oportunidades para repensar e reinventar o processo educativo. Buscar parcerias com a comunidade, utilizar tecnologias digitais para visitas virtuais ou adaptar espaços próximos à escola como laboratórios vivos são algumas alternativas que podem tornar essa abordagem mais acessível e inclusiva.

Além do mais, é crucial refletir sobre o papel transformador dessas experiências no desenvolvimento da consciência espacial e ambiental dos jovens. Em tempos de crises climáticas e urbanas, entender o espaço em que se vive e a interdependência entre sociedade e natureza torna-se uma necessidade urgente. Diante disso, a prática fora da sala de aula, ao possibilitar a observação crítica e a análise contextualizada dos territórios, desperta um senso de responsabilidade ambiental e social, preparando

os alunos para atuarem de forma mais consciente e engajada no mundo. Nesse sentido,

As aulas de campo, quando bem planejadas e estruturadas, podem transformar a forma como os alunos percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Elas favorecem a interdisciplinaridade, integrando conhecimentos de diversas áreas e proporcionando uma visão holística do mundo (Santos, 2021, p. 54).

A citação de Santos (2021) destaca que aulas de campo bem planejadas podem transformar a percepção dos alunos, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar e oferecendo uma visão holística do mundo. Contudo, seu impacto depende de um planejamento eficaz que alinhe essas atividades aos objetivos educacionais.

Portanto, integrar o ensino da Geografia com o mundo real através de atividades externas vai muito além de um simples método pedagógico; trata-se de uma abordagem que promove um aprendizado dinâmico, crítico e reflexivo, que prepara os jovens para compreenderem o mundo de maneira holística. Ao incentivar o estudante a “ler” o espaço geográfico, não apenas com os olhos, mas com todos os sentidos, o educador cumpre o papel de facilitador de um conhecimento que transcende o conteúdo escolar, contribuindo para a formação de indivíduos mais críticos e engajados com o seu entorno.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a importância da aula de campo no ensino de Geografia, destacando as contribuições desse recurso pedagógico para o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, a qual permite uma análise detalhada e profunda das experiências e percepções relacionadas ao tema em questão.

O método qualitativo é adequado para investigações que buscam entender fenômenos sociais complexos a partir da perspectiva dos envolvidos, permitindo uma compreensão mais ampla dos contextos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Nesse sentido, “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na

compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32).

No contexto desta pesquisa, o método qualitativo possibilita explorar as nuances da aula de campo como ferramenta de ensino, seus impactos sobre o aprendizado dos alunos, e as estratégias utilizadas pelos educadores para incorporar essa prática em suas rotinas pedagógicas.

Além disso, a pesquisa é de caráter bibliográfico, com o intuito de realizar uma revisão sistemática e crítica da literatura disponível sobre a temática. Em vista disso, a “[...] pesquisa é, portanto, um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, as quais têm por base procedimentos racionais e sistemáticos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 44).

A escolha por uma abordagem bibliográfica justifica-se pela necessidade de consolidar um corpo teórico robusto que subsidie a análise e discussão dos dados coletados. A revisão bibliográfica foi conduzida de forma criteriosa, visando identificar e sintetizar as principais contribuições acadêmicas e científicas relacionadas à aula de campo em Geografia.

As plataformas de pesquisa utilizadas foram as bibliotecas digitais das seguintes instituições: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), considerando que essas instituições possuem acervos relevantes para a área de Geografia e Educação. A seleção dessas plataformas foi estratégica para garantir acesso a uma gama diversificada de publicações, incluindo artigos científicos, teses, dissertações e livros, que abordam diferentes perspectivas e experiências sobre o tema.

A busca bibliográfica nas plataformas mencionadas foi realizada utilizando palavras-chave específicas (descritores), tais como “aula de campo”, “geografia”, “ensino de geografia”, e “educação geográfica”. Os critérios de inclusão para a seleção dos materiais consideraram a relevância do conteúdo para o tema em estudo, a qualidade metodológica das pesquisas, e a atualidade das publicações, privilegiando trabalhos publicados nos últimos cinco anos, de 2020 a 2024.

Após a coleta, os dados foram organizados e categorizados de acordo com os principais temas e subtemas identificados na literatura. Essa categorização permitiu uma análise mais sistemática e facilitou a identificação de padrões e tendências nas práticas de ensino de geografia que envolvem aulas de campo.

Em suma, a metodologia adotada nesta pesquisa combina a profundidade da abordagem qualitativa com a abrangência da revisão bibliográfica, proporcionando uma base sólida para a análise crítica sobre a importância das aulas de campo no ensino de Geografia. Através dessa metodologia, busca-se não apenas compreender as práticas existentes, mas também contribuir para o aprimoramento dessas práticas e, conseqüentemente, para a melhoria do ensino de Geografia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas seções a seguir, estruturamos os resultados e discussões em duas seções, a fim de sistematizar, separadamente, trabalhos acadêmicos no âmbito de graduações e pós-graduações. Por conseguinte, faremos nossas considerações acerca da visão discente sobre a aula de campo no ensino de geografia, considerando o recorte temporal de 2020 a 2024, últimos cinco anos, como matriz de referência para as produções catalogadas.

4.1 PESQUISAS SOBRE A AULA DE CAMPO NO ÂMBITO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Para coletar os dados necessários à nossa análise, considerou-se trabalhos de conclusão de curso (TCC) produzidos entre os anos de 2020 a 2024 acerca do tema “Aula de Campo em Geografia”. As buscas foram realizadas nas bibliotecas digitais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campis Campina Grande/PB e Guarabira/PB, assim como dos Campis de Cajazeiras e Campina Grande, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Os descritores utilizados foram: “aula de campo em geografia”, “aula de campo de geografia”, “Geografia e aula de campo”, “geografia escolar e aula de campo”, “aula de campo e geografia escolar”. Para a seleção dos trabalhos, consideramos aqueles cujo título e resumo traziam expressamente a aula de campo como abordagem teórico-prática para o ensino de Geografia. A seguir, o/a leitor/a observará o resultado refinado, inicialmente, na Biblioteca Digital da UEPB, campus Guarabira sobre a aula de campo:

QUADRO 1: Trabalhos de Conclusão de Curso que pesquisaram sobre “Aula de Campo em Geografia” nos campi da UEPB de Campina Grande e de Guarabira.

Título e autor	Objetivo do estudo	Ano	Resultados
Aula de campo como mediação pedagógica em Geografia no ensino médio: o caso do curso Técnico de Agropecuária do Colégio Agrícola “Vidal de Negreiros” – CAVN, Bananeiras/PB Ana Paula de Oliveira Araújo ³	“[...] discutir as aulas de campo como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia, na fase final da educação básica (Ensino Médio)” (Araújo, 2023, p. 12).	2023	O estudo mostrou a necessidade da aula de campo como abordagem teórico-prática com mais frequência, resultado obtido por meio do <i>feedback</i> da turma, em que o objetivo era entender como a aula de campo poderia ser melhor aprimorada a partir de outras contribuições, nesse caso, a dos alunos participantes da pesquisa.
“A aula de campo como estratégia metodológica para o ensino do conceito de paisagem nos anos iniciais do ensino fundamental” Everson da Costa Nunes ⁴	“Em primeiro lugar, pôde-se concluir sobre a eficácia dessa abordagem metodológica como uma forma de aproximar o aluno do conteúdo por meio do contato físico e visual, ativando a percepção crítica por meio de atividades sensoriais, posteriormente avaliadas pela própria discussão provocada a partir dos questionamentos e observações, o que gerou uma avaliação favorável ao método abordado” (Nunes, 2023, p. 16).	2023	A aula de campo foi aplicada no período da crise global de pandemia da Covid-19 e, apesar das circunstâncias, o pesquisador obteve êxito, ao trabalhar os temas de paisagens geográficas, cuja verificação ocorreu por meio de questionários e demais observações crítico-reflexivas, considerando o <i>feedback</i> dos alunos.

Fonte: Elaboração própria (2024).

³Cf. ARAÚJO, Ana Paula de Oliveira. **Aula de campo como mediação pedagógica em Geografia no ensino médio:** o caso do curso Técnico de Agropecuária do Colégio Agrícola “Vidal de Negreiros” – CAVN, Bananeiras/PB. 2023. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/29476>. Acesso em: 9 set. 2024.

⁴Cf. NUNES, Everson da Costa. **A aula de campo como estratégia metodológica para o ensino do conceito de paisagem nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2023. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/29636>. Acesso em: 9 set. 2024.

Com o descritor “aula de campo no ensino de geografia”, o site computou 1.327 pesquisas entre os anos de 2020 a 2024. Por conseguinte, após refinarmos esse quantitativo por assunto dentro desse número, o resultado ficou em 70, para os assuntos “geografia”, “educação”, “ensino”.

Dos 70 trabalhos, apenas dois versavam expressamente sobre a aula de campo, enquanto a maioria, isso considerando não apenas os 70 resultados do refinamento, mas os 1.327, tematizavam abundantemente sobre “Tecnologias Digitais e Geografia”, “Geografia e Ensino”, “Geografia e Ludicidade” entre outros, ou seja, nos últimos cinco anos, a aula de campo como tema de pesquisa vem sendo minimamente pesquisada, de modo que tais resultados demonstram pouca ou nenhuma importância para a aula de campo como abordagem teórico-metodológica.

Em primeiro lugar, o texto de Nunes (2023) nos chamou bastante atenção porque o autor buscou, de certo modo, pensar a aula de campo em um contexto no qual não era possível o *modus operandi* tradicional do trabalho de campo, devido à pandemia da Covid-19. Remotamente, o autor aplicou a mesma lógica da aula campal – teoria e prática – em que cada discente, no domínio do seu lar, iria desempenhar/seguir as instruções do docente no tocante à observação da paisagem, na medida em que os estudantes deveriam descrevê-la mostrando as alterações provocadas pela sociedade.

Nisso, teoria e prática, sendo a primeira inicialmente introduzida, foi devidamente conjugada, mostrando que o trabalho de campo, enquanto método já discutido, pode se reinventar, ressignificar, independentemente do contexto conturbado, ao passo que alarga o modo como conhecemos esse método, além de tornar o professor mais experiente e capacitado, levando em consideração conjunturas caóticas.

Assim, o trabalho de campo, na visão discente dos últimos anos, tem se focado na capacidade de adaptação do método, já que a pandemia global da Covid-19 fez com que diversas formas tradicionais de exercício de saberes tivessem que se adaptar rigorosa e abruptamente ao novo mundo.

Em segundo lugar, a pesquisa de Araújo (2023), não menos importante, teve a intenção de ampliar as formas pelas quais a aula de campo é normalmente executada. Para isso, a autora realizou uma pesquisa com 40 discentes e dois professores na etapa final da educação básica, durante a disciplina de Geografia no CAVN (Colégio

Agrícola Vidal de Negreiros, na cidade de Bananeiras/PB. E, de acordo com Araújo (2023):

Os estudantes destacaram que as aulas de campo são eficientes para facilitar o entendimento dos conteúdos teóricos e sugerem que essa prática seja mais recorrente. Concluiu-se que as aulas de campo são importantes ferramentas metodológicas de ensino-aprendizagem; são práticas com ampla aceitação pelas partes envolvidas e pela literatura; e, apesar das dificuldades e limitações, os benefícios gerados pela prática da aula de campo fazem compensar os esforços e investimentos (Araújo, 2023, p. 12).

Além de buscar desenvolver o trabalho de campo em seus múltiplos desdobramentos, a autora também buscou enfatizar o impacto desse método na formação de uma consciência crítica dos estudantes. E esse “ser crítico” não partiria de meras observações do espaço, anotações descontextualizadas, mas da construção do próprio sentido de se estudar o espaço, com a intenção de compreender as transformações causadas não apenas por grandes empresas, pensando numa dimensão macro, mas em pequenos gestos, como queimar lixo no quintal, fazer descarte de materiais em locais não apropriados.

Diante disso, a autora acaba explorando a interferência micro da sociedade, com o intento de aproximar o conteúdo teórico da realidade social dos discentes, com o objetivo de que, na aula de campo, eles entendessem que eles mesmo, às vezes, podem fazer tais práticas no cotidiano.

Embora o trabalho de campo seja um método recorrente nas graduações de geografia, tendo em vista que o autor deste trabalho de conclusão de curso já participou de muitas delas, o seu impacto na formação em geografia não tem suscitado interesse nos últimos anos, o que, do nosso ponto de vista, é um dado negativo, porque deixa de atualizar esse método, além de invisibilizá-lo, à medida que o ensino de geografia, nos dias atuais, não pode ser desassociado da aula de campo, sem o qual o tradicionalismo imperaria sobre os muros do ensino superior e, notavelmente, das licenciaturas de geografia.

Ao utilizarmos os descritores “aula de campo em geografia”, “aula de campo de geografia”, “Geografia e aula de campo”, “geografia escolar e aula de campo”, “aula de campo e geografia escolar”, concentrando a busca no diretório do *Campus Cajazeiras / Centro de Formação de Professores – CFP*, obtivemos na primeira resposta, 609 trabalhos no período entre 2020 a 2024. Ao refinarmos os resultados

com as palavras chaves por assunto (Geografia; Educação) dentro desse quantitativo, o resultado caiu para 65.

No entanto, examinarmos esses 65, notamos que não havia nenhum trabalho de conclusão de curso com título expressamente vinculado ao trabalho de campo, ou, até mesmo, nenhuma palavra-chave cadastrada nos demais trabalhos que indicassem se tratar de trabalho de campo.

Durante a pandemia, as aulas campais, componente crucial na formação de professores de Geografia, tornaram-se uma raridade, comprometendo significativamente a experiência educacional. Na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), essa escassez foi ainda mais sentida, afetando diretamente a produção de trabalhos de conclusão de curso (TCC) nas licenciaturas de Geografia.

A prática de trabalho de campo não se limita a uma simples visita ao ambiente natural ou urbano. Trata-se de uma vivência que permite ao futuro docente experimentar os conteúdos que irá ensinar, em diálogo com as realidades locais. No entanto, com as restrições impostas pela pandemia, essa vivência foi praticamente extinta.

Essa lacuna não apenas desmotiva os estudantes, que perdem a oportunidade de articular teoria e prática, mas também limita a elaboração de pesquisas que poderiam enriquecer a compreensão sobre o território e as dinâmicas locais. A redução drástica dessas atividades reflete uma carência de metodologias alternativas que poderiam ter sido exploradas, mas que, por inércia ou falta de recursos, foram negligenciadas.

Além disso, a falta de aulas campais revelou outra camada de desafios. A prática geográfica, especialmente no contexto da UEPB, demanda um contato direto com o objeto de estudo, seja ele o relevo, a vegetação, o clima ou o espaço urbano. A impossibilidade de realizar esses trabalhos resultou em uma diminuição de temas explorados nos TCC, evidenciando uma dependência excessiva das abordagens teóricas. Isso limitou a diversidade e a criatividade das pesquisas acadêmicas, centrando-as em questões abstratas e descoladas da realidade territorial.

A ausência de uma política educacional mais robusta para contornar essa situação durante a pandemia reforçou a marginalização das práticas de campo, minando sua relevância na formação docente. Ao negligenciar alternativas como o uso de tecnologias digitais para simulações ou mesmo a realização de atividades locais individuais, a universidade contribuiu para uma visão fragmentada e superficial

da geografia. A perda de experiências práticas cria, a longo prazo, uma geração de professores menos preparada para ensinar de forma engajada e contextualizada, enfraquecendo o papel transformador da educação geográfica.

4.2 PESQUISAS SOBRE A AULA DE CAMPO NO ÂMBITO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Nesta seção, realizamos algumas pesquisas nas bibliotecas digitais dos programas de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Em primeiro lugar, consultamos o Repositório Institucional da UFPB⁵, realizando a busca no *Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) – Programa de Pós-graduação em Geografia*, do qual por meio dos descritores: “Trabalho de Campo em Geografia”, “Aula de Campo em Geografia”, “Aula campal em geografia”, “A aula de campo no ensino de Geografia”.

Após aplicarmos uma série de filtros e demais refinamentos, não conseguimos encontrar nenhuma dissertação ou tese que abordasse expressamente a temática da aula de campo em Geografia. O recorte escolhido, assim como foi disposto para os TCCs, foi entre os anos de 2020-2024. O mesmo resultado foi notado ao pesquisarmos na *Sistemoteca – Sistema de Bibliotecas da UFCG – Biblioteca Digital de Dissertações e Teses*⁶, em que utilizamos os mesmos descritores supracitados no Mestrado em Ensino de Geografia (PROFGEO) instituição mencionada.

Em se tratando do PROFGEO/UFCG, a explicação para a escassez de produções com a temática estudada nesta pesquisa, pode ser explicada pelo tempo de existência do programa que, originado no ano de 2022, como registrado em aula inaugural⁷ (ASCOM, 2022), possui pouquíssimas pesquisas, entre as quais, não há nenhuma que verse acerca da Aula de Campo em Geografia.

A diminuição das produções acadêmicas sobre o trabalho de campo no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPB reflete um fenômeno

⁵Cf. Repositório Institucional da UFPB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/>. Acesso em: 9 set. 2024.

⁶Cf. PROFGEO/UFPB. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/21476>. Acesso em: 9 set. 2024.

⁷Cf. ASCOM UFCG. Aula Inaugural do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia acontecerá no dia 10. 4 mar. 2022. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/3287-aula-inaugural-do-mestrado-profissional-em-ensino-de-geografia-acontecera-no-dia-10.html>. Acesso em: 9 set. 2024.

multifacetado, em que o contexto da pandemia de COVID-19 pode ter contribuído para esse fenômeno. Em vista disso, a necessidade de isolamento social e as medidas restritivas impostas para conter a propagação do vírus afetaram diretamente as atividades presenciais, levando à suspensão temporária de visitas técnicas e estudos *in loco*, que são componentes essenciais para a prática da geografia.

Assim, a interrupção abrupta dessas experiências promoveu uma reorientação dos temas de pesquisa, deslocando o foco para outras dinâmicas sociais e espaciais que puderam ser exploradas remotamente, e que se mostraram mais acessíveis em um cenário marcado pela restrição de mobilidade.

Esse redirecionamento temático pode ter contribuído para uma invisibilização do trabalho campal como abordagem metodológica no campo da pesquisa geográfica. O contexto pandêmico não apenas limitou fisicamente a realização dessas atividades, mas também reconfigurou as prioridades acadêmicas, orientando as investigações para áreas que ganharam relevância ou urgência, como o impacto da pandemia nas cidades, nas relações de trabalho e no cotidiano dos diferentes grupos sociais.

Neste cenário, a prática de explorar o espaço através da experiência direta foi, em muitos casos, substituída por estudos que favoreciam o uso de tecnologias digitais, bancos de dados e análises secundárias, diminuindo o interesse por metodologias que demandam a presença física no campo.

A ausência de debates acadêmicos mais aprofundados sobre o papel da aula campal, especialmente durante a crise sanitária, revela um certo apagamento de sua importância enquanto metodologia central para a compreensão geográfica. É preciso questionar se esse afastamento temporário não terá consequências duradouras, promovendo um distanciamento maior entre a teoria e a prática geográfica.

Ao deixar de lado uma abordagem que oferece uma compreensão rica e tangível do espaço, corre-se o risco de limitar o alcance do conhecimento produzido e, conseqüentemente, empobrecer a formação dos geógrafos, que se veem privados de uma ferramenta essencial para a construção crítica e complexa da realidade espacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos capítulos discutidos e nos resultados apresentados neste trabalho, podemos concluir que a aula de campo emerge como uma ferramenta

metodológica essencial para o ensino de Geografia, particularmente no contexto das universidades públicas da Paraíba. A pesquisa evidenciou que a prática da aula de campo proporciona uma integração eficaz entre teoria e prática, permitindo que os estudantes compreendam de forma mais profunda as dinâmicas espaciais e os fenômenos geográficos observados diretamente no ambiente de estudo.

Ao longo do estudo, constatou-se que a aula de campo oferece aos alunos a oportunidade de aplicar conceitos teóricos em situações reais, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. Essa abordagem não apenas estimula o pensamento crítico e investigativo, mas também favorece a formação de cidadãos conscientes e engajados com as questões sociais e ambientais. Os resultados das pesquisas analisadas demonstram que, embora o uso da aula de campo como método de ensino ainda enfrente desafios logísticos e financeiros, seus benefícios superam as limitações, tornando-a uma prática valiosa no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

No entanto, observou-se uma lacuna significativa na produção acadêmica recente sobre o tema, especialmente em períodos de restrições como a pandemia de COVID-19. A escassez de estudos indica a necessidade de incentivar mais pesquisas que explorem e aprimorem o uso da aula de campo, especialmente em contextos adversos. Além disso, a falta de investigações mais aprofundadas sobre essa prática durante a pandemia aponta para um afastamento temporário de uma metodologia fundamental para a formação geográfica, o que pode ter consequências duradouras para a prática educacional.

Portanto, recomenda-se que as instituições de ensino e os profissionais da área considerem a aula de campo não apenas como uma atividade extracurricular, mas como uma componente curricular essencial que contribui para o desenvolvimento de competências críticas, reflexivas e práticas dos estudantes. A promoção de um currículo mais integrado, que valorize a experiência direta com o espaço geográfico, pode ajudar a reverter a tendência de desinteresse e reforçar a importância dessa metodologia para a educação geográfica contemporânea.

Por fim, espera-se que este trabalho sirva como uma contribuição para o debate sobre as práticas de ensino de Geografia e inspire novas pesquisas que abordem as múltiplas dimensões da aula de campo, considerando tanto suas potencialidades quanto os desafios que ela enfrenta no contexto atual.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Paula de Oliveira. **Aula de campo como mediação pedagógica em Geografia no ensino médio**: o caso do curso Técnico de Agropecuária do Colégio Agrícola “Vidal de Negreiros” – CAVN, Bananeiras/PB. 2023. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/29476>. Acesso em: 9 set. 2024.

ASCOM UFCG. **Aula Inaugural do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia acontecerá no dia 10**. 4 mar. 2022. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/3287-aula-inaugural-do-mestrado-profissional-em-ensino-de-geografia-acontecera-no-dia-10.html>. Acesso em: 9 set. 2024.

AMORIN CARDOSO, Carlos A. de. Um ponto de vista geográfico nos manuais didáticos brasileiros: os passeios e as excursões escolares. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 10, n. 1, p. 93-105. 2008.

AMORIN CARDOSO, Carlos A. de. **Excursões escolares e formação de professores**. [S.l], [S/d]. p. 1-15.

ALBUQUERQUE, Maria A. M. de; Lima Angelo, Maria D.; Lima Dias, Angélica M. de. Proposta de Aula de Campo e estudo do meio no complexo Xingó. **GEOTemas**, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 2, n. 1, p. 111-128, jan./jun., 2012.

BORGES, V. J. *et al.* A geografia escolar e a formação para a cidadania: teoria e prática de professores dos municípios da grande Vitória-ES, Brasil. **Observatório Geográfico América Latina**, [S.l], [n/d]. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/71.pdf>. Acesso em: 9 set. 2024.

COSTA, M. A. **A importância das atividades externas no ensino de Geografia**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2022.

CAVALCANTI, Lana de S. **A Geografia Escolar e a Cidade**: Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas/SP: Papirus, 2008. p.81.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de pesquisa**. [S.l], 2009.

LIMA, V. B; ASSIS, L. F. DE. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

MEDEIROS, Paulo César. **Fundamentos teóricos e práticos do ensino da Geografia**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

OLIVEIRA, R. F. **Metodologias ativas no ensino de Geografia**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, Jardel da Silva. **Um panorama sobre a trajetória da geografia enquanto ciência e disciplina escolar**. Caminhos de Geografia Uberlândia-MG v. 21, n. 74, Abr/2020 p. 178-193. 2020.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Travessias da aula em campo na Geografia escolar**: a necessidade convertida para além da fábula. *In*: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Sentidos da Geografia escolar. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

PEREIRA, L. M. **Educação geográfica e práticas de campo**. Belo Horizonte: Editora Escolar, 2018.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; LOPES, C. S. **Estudo do meio: teoria e prática**. Geografia (Londrina) v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>. Acesso em: 9 set. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

SANTOS, J. P. **Interdisciplinaridade e ensino de Geografia**. Porto Alegre: Editora Pedagógica, 2021.

SANTOS, Milton. **Natureza e Espaço**. 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002.

SAITO TOMITA, Luzia M. Trabalho de Campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan./jun. 1999.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; SOUZA, Carla Juscélia de Oliveira. **O trabalho de campo para a formação e atuação docente na Educação Básica**: realidade e desafios. *In*: Eliana Marta Barbosa de Moraes; Adriana Olivia Alves; Valéria de Oliveira Roque Ascensão. (Org.). Contribuições da Geografia Física para o Ensino de Geografia. 1ª ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, v. 1, p. 121-149, 2018.